

**DANNA PAES DE BARROS DE LUCCIA**

**A atuação do psicanalista com grupos e instituições: teoria e relatos de  
intervenção a partir de Freud e Lacan**

SÃO PAULO

2018

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**DANNA PAES DE BARROS DE LUCCIA**

**A atuação do psicanalista com grupos e instituições: teoria e relatos de  
intervenção a partir de Freud e Lacan**

Versão original

Tese apresentada à Banca Examinadora do  
Instituto de Psicologia da Universidade de  
São Paulo para obtenção do título de  
Doutor em Ciências.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Profa. Dra. Léia Prizskulnik

SÃO PAULO

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA  
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,  
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação  
Biblioteca Dante Moreira Leite  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

De Luccia, Danna  
Atuação do psicanalista com grupos e instituições: teoria e relatos de intervenção a partir de Freud e Lacan / Danna De Luccia; orientadora Léia Prizskulnik. -- São Paulo, 2018.  
160 f.  
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.  
1. Psicanálise. 2. Grupos. 3. Instituições. 4. Freud. 5. Lacan. I. Prizskulnik, Léia, orient. II. Título.

## RESUMO

De Luccia, D. (2018) *A atuação do psicanalista com grupos e instituições: teoria e relatos de intervenção a partir de Freud e Lacan* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

O presente trabalho apresenta uma reflexão teórico-clínica sobre a atuação do psicanalista em grupos e instituições. Ainda que o tema dos grupos carregue já uma tradição no interior da psicanálise, demos continuidade à questão verificando como tem se estabelecido o exercício de coordenação de grupos por psicanalistas que seguem o referencial de Freud e Lacan na atualidade e, ainda, saber o que faz do grupo um dispositivo analítico. A tese desenvolvida neste estudo é de que o campo grupal é potente para que o sujeito possa criar novas possibilidades de laço, transformando suas posições subjetivas. A opção metodológica reuniu uma pesquisa de campo por meio de entrevistas com psicanalistas que atuam com grupos e um resgate conceitual das práticas grupais no interior da psicanálise, acrescido de alguns aportes lacanianos julgados relevantes para aclarar a clínica com grupos. Buscou-se ainda analisar a função do coordenador psicanalista em espaços coletivos de diferentes ordens, trazendo subsídios para o desafiante esforço clínico de conciliar o coletivo sem deixar de lado a dimensão singular do sujeito. A tese segue na aposta de que o trabalho com grupos pode ser analítico e, especialmente, pertinente à prática clínica na atualidade.

Palavras-chave: Psicanálise; Grupos; Instituições; Freud; Lacan.

## ABSTRACT

De Luccia, D. (2018) *The performance of the psychoanalyst with groups and institutions: theory and intervention reports from Freud and Lacan* (Doctoral Thesis). Institute of Psychology. University of São Paulo, São Paulo.

The present work presents a theoretical-clinical reflection on the performance of the psychoanalyst in groups and institutions. Although the theme of the groups already carries a tradition within psychoanalysis, we continued the question by verifying how the group coordination exercise has been established by psychoanalysts who follow the reference of Freud and Lacan in the present time and also to know what it does of the group an analytical device. The thesis developed in this study is that the group field is potent so that the subject can create new possibilities of tie, transforming their subjective positions. The methodological option gathered a field research through interviews with psychoanalysts that work with groups and a conceptual rescue of group practices within psychoanalysis, along with some Lacanian contributions considered relevant to clarify the clinic with groups. It was also sought to analyze the role of the psychoanalytic coordinator in collective spaces of different orders, bringing subsidies to the challenging clinical effort to conciliate the collective without leaving aside the singular dimension of the subject. The thesis is based on the belief that group work can be analytical and especially pertinent to current clinical practice.

Keywords: Psychoanalysis; Groups; Institutions; Freud; Lacan.

## RÉSUMÉ

De Luccia, D. (2018) *La performance du psychanalyste avec des groupes et des institutions: théorie et rapports d'intervention à partir de Freud et Lacan* (Thèse de Doctorat). Institut de Psychologie. Université de São Paulo, São Paulo.

Le présent travail présente une réflexion théorico-clinique sur la performance du psychanalyste dans les groupes et les institutions. Même si la question des groupes portent déjà une tradition au sein de la psychanalyse, nous avons continué à publier de vérifier comment a créé des groupes exercice de coordination par les psychanalystes qui suivent la référence à Freud et Lacan aujourd'hui, et nous savons aussi ce qui fait du groupe un appareil d'analyse. La thèse développée dans cette étude est que le champ du groupe est puissant, de sorte que le sujet peut créer de nouvelles possibilités de lien, en transformant ses positions subjectives. L'option méthodologique assemblé un champ à travers des entretiens avec les psychanalystes qui travaillent avec des groupes et de sauvetage d'une enquête conceptuelle des pratiques de groupe au sein de la psychanalyse, ainsi que certains ont essayé contributions lacaniens pertinentes pour clarifier la clinique avec des groupes. Nous avons cherché à examiner plus avant le rôle de coordinateur psychanalyste dans les espaces de collectifs d'ordres différents, apportant des subventions à l'effort clinique difficile de concilier le collectif sans laisser de côté la dimension singulière du sujet. La thèse est basée sur la conviction que le travail de groupe peut être analytique et particulièrement pertinent à la pratique clinique actuelle.

Mots-clés: Psychanalyse; Groupes; Les institutions; Freud; Lacan.

## INTRODUÇÃO

A inserção da psicanálise no campo social e institucional é um tema bastante visitado por diferentes autores que refletem sobre suas condições e possibilidades de extensão. Para aprofundar a prática clínica neste terreno, a escolha metodológica seguiu a hipótese de que uma retomada teórico-clínica do campo grupal na psicanálise, acrescida das contribuições de Freud e Lacan, pudesse fortalecer a inserção do psicanalista em espaços coletivos de diferentes ordens. Trata-se de um tema complexo, dada as inúmeras teorias grupais já consolidadas, as controvérsias entre elas e as advertências de Freud e Lacan ao efeito *massificante* dos grupos. No entanto, a escolha de enredar-se neste campo foi determinada pelo problema prático com que inúmeros psicanalistas se defrontam em suas inserções no cotidiano da clínica institucional, pública ou social. Não partimos da idéia de que a prática clínica grupal é mais indicada para certos tipos de sofrimentos, embora ela tenha sido bastante utilizada em determinados contextos, especialmente naqueles onde as possibilidades de laço social do sujeito se encontram prejudicadas. O contexto grupal, contudo, é evocado por inúmeros motivos, desde a impossibilidade de atender grandes demandas individualmente, até pela aposta nos efeitos clínicos da elaboração coletiva. Seja por impossibilidade ou aposta, indicação profissional ou escolha do sujeito, o grupo está aí, em diferentes formatos e contextos clínicos. Por este motivo, decidiu-se escutar psicanalistas que experimentaram os grupos na clínica, com vistas a elencar os impasses e possibilidades de atuação. A partir disto, reúnem-se aspectos teóricos de Freud e Lacan, buscando aprofundar as reflexões clínicas sobre os grupos a partir destes referenciais. A tese, assim, segue nesta aposta, de que o trabalho com grupos é potente, pode ser analítico e, especialmente, pertinente à prática clínica na atualidade.

A psicanálise é constantemente convocada a pensar no estatuto do laço social nas sociedades contemporâneas e as formas de mal-estar que derivam do nosso momento histórico. O alicerce desta articulação apoia-se nos efeitos paradoxais do estilo de vida pós-capitalista, no qual o detrimento da coletividade como forma de sustentação simbólica é concomitante com uma forma de individualismo que não se utiliza da introspecção enquanto espaço de subjetivação. Trata-se de uma sociedade de desenlaces, afirma Soler (2016), tanto nos laços de trabalho, quanto família e relacionamentos, cujo maior paradoxo é a concomitância da introspecção e da ultra

conectividade da globalização, que gera um falso laço. Estar conectado ou compartilhando espaços não é suficiente para que haja laço social.

É por este motivo que diferentes disciplinas debruçam-se sobre a articulação entre o mal-estar e a dissolução das formas sociais de reconhecimento nas sociedades pós-modernas, apontando o engajamento no laço social como uma forma de tratamento para a solidão, individualismo e precariedade dos laços.

Mas que tipo de engajamento permitiria um efeito diferente do falso laço, problematizado nas sociedades contemporâneas e, ainda, o laço que favorece o tipo de agrupamento que Freud descreveu em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), cuja coesão depende da submissão a um líder ou ideologia comum, da suspensão da racionalidade, da sedução e hipnose que a massa opera.

Como pensar formas de engajamento social produtivas ao sujeito e, aqui se coloca a questão que nos comove, como a psicanálise pode contribuir para pensar um outro tipo de agrupamento, que possa ser um remédio contra a solidão e segregação social e, ao mesmo tempo, não seja exclusivamente atrelado à identificação como fator de ligação, mas que reserve espaço privilegiado para a produção da singularidade e da diferença, dentro do laço.

Ainda que não tenha uma origem na clínica, o trabalho com grupos tornou-se uma ferramenta frequente em diferentes práticas psicanalíticas: em instituições, serviços de saúde, educação, e também na concepção de experiências que articulam mais diretamente a clínica ao campo social e político, como, por exemplo, em situações sociais críticas, expatriação, violências de estado, movimentos sociais, entre outros. São situações cuja aposta clínica assenta-se em formas coletivas de elaboração.

Antes de continuar, cabe uma pequena ressalva, que será aprofundada no decorrer deste trabalho, com vistas a problematizar o uso do termo grupo. Para a psicanálise, o grupo é compreendido a partir do que Freud teorizou em *Psicologia das Massas*: a convergência dos ideais individuais em um ideal coletivo, geralmente personificado em um líder ou ideologia. Lacan vai distinguir esta concepção de grupo daquilo que entenderá a partir de uma lógica coletiva oposta ao grupo. Ao longo do trabalho, manteremos o uso do termo grupo, na medida em que é amplamente utilizado nos serviços e instituições. Além disto, estamos constantemente inseridos em grupos que seguirão a lógica da psicologia das massas. Na clínica psicanalítica, no entanto, a idéia é subverter esta lógica em prol de outras formas de laço.

Nos tempos de repressão política, em meados da década de 60 e 70, o campo



clínico grupal trazia uma perspectiva inovadora ao propiciar uma lógica de reflexão, resistência e transformação. Contudo, vê-se com frequência a diluição desta perspectiva e a proliferação do atendimento com efeitos de homogeneização, sendo comumente associado, por participantes e profissionais dos serviços, aos atendimentos de massa ou à diminuição das filas de espera. Na esteira dos projetos de inclusão ou reinserção social, o engajamento nos grupos abre a possibilidade do sujeito de reatar ou produzir novos laços, mas, embora esta dimensão seja fundamental, não configura, por si só, um dispositivo clínico.

Ao ampliar o olhar para a clínica que opera no espaço compartilhado entre sujeitos, a psicanálise renuncia à ortodoxia do enquadre e inventam-se dispositivos para diferentes situações, na linha que Michel Foucault e depois Agambem teorizaram<sup>1</sup>. Apesar da criatividade dos dispositivos criados, é frequentemente observada uma prática mais empírica do que teórica, como afirma Anzieu (apud Jasiner, 2008, p.57) “ao longo dos últimos anos as intervenções psicossociológicas nos grupos se estenderam com um empirismo cego” nas práticas clínicas em diferentes contextos. Para Jasiner (2008), as lógicas coletivas freudianas, em *Psicologia das massas*, não são suficientes para trabalhar com pequenos grupos, argumentando ser importante sair dos limites da microsociologia e colocar em marcha uma clínica potencialmente produtiva.

Diferentes disciplinas descrevem os fenômenos inerentes aos grupos humanos. Para a psicanálise, os grupos se apresentam a partir de duas facetas antagônicas: uma delas traz a potência das elaborações coletivas de traumas e exclusões sociais, colocando em xeque o individualismo do nosso tempo; enquanto que a outra reforça os efeitos de massa, alimenta o hipnótico discurso do líder ou de fundamentalismos ideológicos alienantes, que fazem do grupo um espaço limitante e não um instrumento para se pensar e se fazer coletivamente.

No campo psicanalítico, o tema dos grupos já carrega uma tradição, com os renomados trabalhos de Pichon-Rivière, Bion, Anzieu e Kaes, para citar alguns dos principais grupálistas no interior da psicanálise. Em comparação a esses trabalhos, ainda há pouca bibliografia no interior da teoria lacaniana para se pensar o grupo na prática clínica, talvez por um limite colocado pelo próprio Lacan, que alertava para os efeitos nefastos do imaginário alienante no grupo. No entanto, existe um grande esforço de Lacan, ao longo de sua obra, para pensar o laço social. Buscou-se, assim, articular estas

---

<sup>1</sup> O uso do termo dispositivo será discutido neste trabalho, mas adianta-se tratar de um conjunto de mecanismos para criar e realizar uma prática.

reflexões acerca do laço social a um aprofundamento de outros conceitos fundamentais aplicados ao campo grupal, como identificação, transferência, desejo, gozo e o ato psicanalítico.

Levando em consideração esta constatação inicial, pareceu fecundo investigar a prática da psicanálise nos contextos grupais e coletivos e a metolopor meio de dois caminhos metodológicos: em primeiro lugar, realizou-se uma pesquisa de campo por meio de entrevistas com psicanalistas que seguem o referencial de Freud e Lacan e atuam ou atuaram em contextos nas quais o recurso ao grupo está presente. Na esteira dos relatos obtidos destes profissionais, foram levantados alguns pontos principais que serviram de norte para analisar os impasses, condições e possibilidades da clínica com grupos a partir deste referencial. Em segundo, foi feito um mapeamento do conjunto de aportes teóricos sobre as teorias grupais, visando estabelecer pontos de convergência e divergência com a abordagem lacaniana, bem como apresentar as articulações e práticas contemporâneas sobre o tema.

A tese desenvolvida neste estudo é de que a clínica com grupos, ao facilitar o surgimento das múltiplas formas de se relacionar com o outro, pode ser potente no questionamento de posições subjetivas que o sujeito assume para a instauração de novas formas de se estabelecer no laço social.

Um primeiro cuidado a tomar, adverte Elia (2017), é não confundir a psicanálise aplicada com a psicanálise em extensão, terminologia cunhada por Lacan que opera em articulação com a psicanálise em intensão, da clínica. O ponto de junção entre extensão e intensão é o desejo do analista e suas condições de aplicação em diferentes contextos. O desejo do analista assenta-se no desejo de obter a diferença fora dos limites do discurso homogêneo que ordena o social, abrindo espaço para a emergência do sujeito e seu desejo.

Desta forma, àqueles que atuam em instituições, se torna cotidiano um trabalho clínico no qual se entrecruzam duas ordens de desafios, como menciona Zenoni (2000, apud Rinaldi, 201, p.3) De um lado as questões da clínica propriamente dita, com sua imprevisibilidade, em que as práticas cotidianas de atendimento a psicóticos, neuróticos graves, aos quais se somam, muitas vezes, o desamparo social gerando importantes impasses na subjetivação. Por outro lado, as dificuldades do trabalho em equipe, das articulações políticas em espaços públicos, a coexistência de múltiplos saberes e as disputas de poder que travam o trabalho coletivo. Daí a percepção constante dos profissionais que trabalham neste terreno, de que a maior dificuldade são as relações

entre pares e equipes, e não a clínica com os sujeitos em si.

Revisitar as teorias grupais torna-se, portanto, atual e necessário, especialmente no que diz respeito às problemáticas clínicas que incidem diretamente na perda de referências subjetivas e das possibilidades de laço social. Contudo, a psicanálise não se preocupa somente com a restituição dos laços sociais, e sim com a forma como eles podem ser restituídos. Por este motivo, segue-se o intuito de responder às questões fundamentais concernentes a esta prática, a saber: como a psicanálise de Freud e Lacan pode contribuir para iluminar a direção de nossas intervenções do trabalho analítico com grupos, preservando aquilo que é próprio da psicanálise, que é abarcar a singularidade do sujeito desejante? E, mais precisamente, o que torna o grupo um dispositivo propriamente analítico?

Para abarcar estas duas questões, que envolvem teoria e prática, dividiu-se o trabalho em três partes:

Considerou-se interessante começar pela construção metodológica seguida de uma breve apresentação dos resultados gerais da pesquisa de campo, ressaltando as etapas e conceitos que guiaram a análise do material colhido nas entrevistas. Isto posto, buscou-se então elencar conceitos e desenvolvimentos teóricos do pensamento de grupo no interior da psicanálise, buscando responder a questão, também, explorada em alguns dos relatos, do que faz do grupo um dispositivo analítico. Algumas vinhetas clínicas e experiências de criação de dispositivos grupais foram também selecionadas com vistas a refletir sobre os articuladores teóricos que mais contribuem para pensar esta prática.

Na segunda parte, são feitas algumas considerações sobre a psicanálise contemporânea, os novos padecimentos e os dispositivos potentes para realocar a prática clínica em suas variações, dos quais o grupo se faz nosso modelo. Logo após, apresenta-se um breve resgate histórico do campo grupal, passando pela sociologia e, depois, pela entrada no âmbito clínico, com seus diferentes desenvolvimentos teóricos e psicanalíticos, considerando as convergências e divergências entre as abordagens. Em seguida, é feito um levantamento do uso dos dispositivos grupais em diferentes cenários clínicos por psicanalistas de extração lacaniana, desde seu início na Europa até intervenções contemporâneas no Brasil e no mundo. Um aprofundamento teórico é articulado, então, a partir de duas chaves. Na primeira aborda-se alguns conceitos fundamentais da psicanálise de Freud e Lacan em consideração ao contexto grupal. Na segunda, reúne-se a teorização lacaniana sobre o campo social, começando pela lógica coletiva, exemplificada no texto do tempo lógico, passando pelo dispositivo de cartel,

teoria dos discursos, a topologia articulada ao coletivo, entre outras contribuições.

A última parte compreende a apresentação de alguns recortes clínicos da pesquisa de campo articulados ao aprofundamento teórico desenvolvido. Os exemplos seguiram o intuito de apresentar os movimentos do grupo e a função do coordenador para facilitar a circulação das transferências e a suposição de saber, encarnada no coordenador e em outros participantes, bem como trabalhar com as identificações imaginárias abrindo para a diferença. Apresenta-se, também, encaminhamentos institucionais em situação de tratamento, visando refletir sobre a inserção da psicanálise em dispositivos não diretamente relacionados ao objetivo clínico.

Conclui-se com uma retomada das condições e possibilidades para a inscrição da psicanálise no campo grupal e as contribuições da psicanálise de Freud e Lacan para analisar os movimentos do grupo e a função do coordenador.

### **CONCLUINDO - Porque pensar o grupo a partir do referencial de Freud e Lacan hoje?**

É pelo mal-estar contemporâneo que podemos inferir, mais do que a dinâmica do grupo em si, a importância do recurso ao coletivo no trabalho clínico. Articulação posta entre aquilo que tange a dimensão mais íntima do ser, o desejo, com a dimensão coletiva, representada aqui pelo campo grupal, vão na direção oposta da exacerbação do individualismo e a carência de referências subjetivas para o sujeito.

O grupo pode ser um instrumento clínico e político, tanto para as situações sociais limites quanto para as situações clínicas limites, que com frequência se sobrepõem, gerando importantes impasses na subjetivação. Nestes casos há um entrave no apelo ao Outro, e o predomínio de um gozo mortífero que toma conta do sujeito, daí os fenômenos contemporâneos (adições, pânico, patologias de borda), onde há um predomínio de angústia bruta e do *acting*, sem bordas para ancorar o desejo como forma de tratamento do gozo. Diante da vulnerabilidade psíquica e o excesso de real traumático, não simbolizado, o grupo se apresenta como uma potente ferramenta clínica, onde se serve de um imaginário reparatório para alojar a vivência traumática numa rede de elaboração coletiva, tirando o sujeito da solidão e silenciamento.

Como ponto partida, os resultados gerais da pesquisa de campo foram apresentados. As experiências relatadas em diferentes instituições e contextos clínicos evocaram inúmeros elementos significativos que dispararam a discussão. Dentre os

impasses e possibilidades delineados, destacou-se a dificuldade no manejo da transferência nas diferentes estruturas clínicas no grupo, os tempos de cada um e a articulação dos campos imaginário, simbólico e real no grupo, refletidos a partir da incidência da função especular com o semelhante, do lugar de saber e seus deslocamentos entre os participantes e dos signos do real que perpassam os grupos e as equipes. O diálogo com semelhante, a função do testemunho e as intervenções do coordenador em diferentes tipos de grupos foram valorizadas como fruto do acontecer grupal. O lugar do psicanalista foi pensado a partir da função de fazer circular a transferência, sustentar o não saber e contribuir para a abertura significativa e associação livre no grupo.

Na segunda parte, a revisão teórica partiu do argumento clínico ao recurso grupal. A primeira dimensão explorada foi a função do reconhecimento, apoiada no engajamento do sujeito ao grupo, seja via acolhimento em saúde mental, onde sujeitos escapam do laço social, por condição psíquica (psicoses, *borderlines*) ou por rupturas sociais (expatriação, violência de estado, perda de emprego); movimentos sociais, onde a luta restitui o auto-respeito, como vimos com Honneth, Mead e com alguns psicanalistas que passaram a defender a idéia da função terapêutica dos movimentos sociais; ou mesmo no agrupamento de equipes de saúde que, ao construir juntos a prática, possibilitam uma melhor inserção e reconhecimento de cada profissional nas instituições.

Até este momento, havia-se apontado um primeiro aspecto da grupalidade que pode favorecer na situação de exclusão social através da experiência de reconhecimento do sofrimento. Nas situações clínicas, o grupo pode, portanto, se tornar um dos pilares para o reestabelecimento de alguma forma de laço social.

Passamos então ao desafio para quem coordena grupos, que é poder transitar entre a suplência identitária, típica dos grupos, para a identidade da diferença, onde não se confunde a massa homogênea com o coletivo tal como proposto por Lacan. O projeto de estudar os elementos que pudesse servir de base para pensar os grupos e todas as suas incidências (institucional, social, clínica e política) a partir da psicanálise lacaniana, nos colocou diante da tarefa de extrair certas bases do pensamento sobre grupos no interior da psicanálise e suas convergências e divergências com o pensamento de Lacan acerca do coletivo.

Retomaram-se algumas teorias de grupo na psicanálise com vistas a apresentar um contraponto com algumas considerações lacanianas sobre o tema da

intersubjetividade. Esta opção levou em conta a diferença fundamental da concepção entre as escolas de psicanálise no que tange ao encontro com mais de um outro e suas respectivas trocas subjetivas. Ao colocar o fenômeno da transferência como obstáculo à intersubjetividade, Lacan vai se afastar de outros grupálistas na psicanálise que partem, cada um a seu modo, da concepção de um aparelho psíquico grupal e intersubjetivo, em confluência com o intrapsíquico.

Lacan, em sua obra, embora tenha enfatizado a dimensão intersubjetiva na constituição do sujeito e, nesse sentido, o grupo seria a base do aparelho psíquico; tenha formalizado o dispositivo de cartel, para pensar a transferência de trabalho com pequenos grupos na escola psicanalítica a partir da lógica coletiva; e também desenvolvido sua teoria dos discursos, fundada na relação do sujeito com o Outro e do desejo no laço social, fez poucas menções ao grupo como dispositivo analítico na clínica, mantendo a ênfase no pensamento sobre o laço social e a escola. Contudo, seus seguidores articularam os aportes lacanianos à clínica, propriamente dita, bem como em outros contextos coletivos. Adentramos, assim, em alguns exemplos de experiências desenvolvidas por psicanalistas de extração laciana que, embora heterogêneas e situadas em diferentes níveis de atuação clínica, evidenciaram a pertinência das proposições lacanianas para a construção de dispositivos clínicos coletivos.

Nesta retomada, se produziu um estatuto para o grupo com a preocupação de compreender como intervir no sofrimento daquele sujeito que escapa ao corpo social. Vimos que há duas dimensões do trabalho com grupos, a que tange às relações institucionais e políticas e os contextos de tratamento. Sobre as instituições, os agrupamentos de equipes, coletivos de trabalho ou até militâncias e movimentos sociais, já existem independente da tarefa clínica. A teoria dos discursos aparece para alguns autores como fundamental para se pensar a prática em instituições; a clínica do testemunho, para abordagem grupal de vítimas de governos autoritários e a metapsicologia laciana aplicada aos grupos e a interlocução entre Lacan e Pichon, por alguns autores, para pensar os grupos terapêuticos e a tarefa a partir do real e não somente do imaginário. A psicanálise, então, pode contribuir para desobstruir posições hierárquicas cristalizadas, disputas de poder e identificações imaginárias. No que diz respeito às propostas de tratamento, trabalhamos aqui com a hipótese, compartilhada por diferentes autores que trabalham com grupos, de que a elaboração coletiva do trauma, de situações-limite, sociais ou psíquicas, é de grande valia, justamente por se tratar da coletivização de situações vividas isoladamente, e cujo fracasso costuma ser

tomado de forma individualizada.

Considerou-se apropriado acrescentar um aprofundamento sobre o tema da transferência e sua incidência no coletivo, e também outros conceitos fundamentais da psicanálise de Freud e Lacan, como identificação, ato analítico e desejo, articulados ao campo grupal. O intuito aí foi articular as principais bases teóricas da psicanálise pensada no campo bi-pessoal, com o intuito de aplicar estas ferramentas teóricas ao campo coletivo.

Vimos que não é objetivo analítico reforçar as identificações imaginárias no grupo em torno do líder (ideal de eu), embora este tipo de agrupamento esteja sempre presente e, também, exerce uma função quando o assunto é ressocialização. Fundar a diferença do sujeito em relação à multidão, contudo, não está associado à identificação do grupo ao líder, ou identificação pelo sintoma (eu sinto como o outro). Acompanhamos Soler concluir que a identificação histórica quando se desloca da identificação por um traço (sintoma) e repousa na identificação pela falta em comum que anima o desejo singular de cada um, é a modalidade de laço que vai de encontro ao que Lacan pensou acerca de um coletivo possível dentro da Escola. Aí a identificação não é por um traço, mas via “participação” no desejo que anima o outro.

Sobre a transferência, examinamos que Lacan concebe a transferência a partir do constituinte ternário introduzido no discurso, referente ao sujeito suposto saber. Logo é fundamental articular a dimensão relacional em referência ao lugar do sujeito suposto saber e do grande Outro. Também situamos a transferência nos três registros (imaginário, simbólico e real): na relação com semelhantes nas transferências laterais, com o Sujeito Suposto Saber, portador simbólico do saber, e a partir do real do gozo suposto no Outro. A análise da transferência visa a desconstrução do sujeito suposto saber. No grupo, este movimento subversivo deve orientar as intervenções do coordenador também no nível das transferências laterais, com os semelhantes, já que a delegação de poder ao outro (portador do saber) também pode ocorrer com outros membros do grupo.

O ato psicanalítico articula-se à transferência que se instala em função do sujeito suposto saber, mas a subverte em relação ao que é depositado no analista e, na situação de grupo, nas identificações com os outros. A sustentação do ato apoia-se na constante abertura significativa e, no grupo, através dos diferentes momentos e tempos de cada um.

Vimos também que só há laço social pelo desejo. O desejo do reconhecimento (alienação ao desejo do Outro) funda a grupalidade, mas o desejo do analista vai além,

na medida em que dirige o tratamento para que o grupo, numa forma de laço inédita, contribua na participação do caminho singular de cada um no reconhecimento do próprio desejo (separação do desejo do Outro).

Ainda que Lacan não tenha pensado o campo grupal enquanto dispositivo clínico, suas pesquisas sobre a lógica coletiva, o dispositivo de cartel e os discursos como formas de ordenamento de gozo no laço social, contribuem enormemente para a compreensão da relação da psicanálise com o pensamento de grupo e instituições e suas diferentes aplicabilidades.

A lógica coletiva apresentada no texto acerca do tempo lógico mostrou ser um articulador teórico fundamental para se pensar uma lógica de grupo que fosse na direção oposta da lógica das massas. A partir da relação entre os prisioneiros, institui-se um outro gênero de identificação a partir dos tempos lógicos e da identidade da diferença no tempo de concluir.

O dispositivo do cartel na Escola foi pensado neste trabalho como peça chave para o trabalho em grupo a partir da lógica coletiva. A função do Mais-Um, no cartel, é subverter a relação com o sujeito suposto saber e direcionar os participantes a apropriação do saber.

A teoria dos discursos visa refletir sobre o estabelecimento das relações no laço social a partir do lugar do mestre, cuja contraposição seria o discurso do analista. O discurso do analista, ao sustentar o não-saber em oposição ao lugar do mestre, contribui para que o centro do grupo seja a falta e não o líder. Pensou-se assim no enodamento dos registros pelo *nó-borromeu* e a centralidade do objeto *a*. Sem favorecer a dimensão imaginária em torno do líder, tão pouco desmerecer esta dimensão, a função do coordenador é operar em consideração às três dimensões simultaneamente.

Outros aportes teóricos foram abordados pela articulação clínica da relação com o público, como o testemunho e a confissão do gozo traumático derivado da relação fantasmática com um grande Outro invasivo, também a sublimação e o chiste em articulação com o reconhecimento no laço social.

A partir dos conceitos fundamentais da psicanálise para se pensar o campo grupal, dos aportes lacanianos acerca do coletivo, das entrevistas e revisão dos trabalhos realizados por psicanalistas que atuam e atuaram em contextos grupais, reunimos aspectos que ajudaram a pensar posição do analista na coordenação de grupos, de modo que seja propiciadora da potência clínica do coletivo para além do imaginário, para o questionamento das posições cristalizadas de gozo e para a criação de novas formas de



se relacionar no laço social.

Na última parte do trabalho, com a ajuda de alguns fragmentos clínicos colhido dos relatos, podem-se ilustrar as transformações na posição do sujeito a partir dos tempos no grupo e das intervenções do coordenador. No primeiro exemplo, buscou-se apresentar o acompanhamento de alguns movimentos de um grupo de pais numa instituição de tratamento a partir da entrada de um novo integrante, uma mãe, viúva, buscando tratamento para o filho. O que vale ressaltar deste exemplo foi o processo de implicação da mãe, inicialmente marcado pela angústia e sentimento de rejeição do grupo, aprisionada em identificações imaginárias e ideais de maternidade/paternidade. Sua fala produziu efeitos na fala de outras mães, assim como a fala dos outros produziu efeitos para ela. A função do coordenador foi facilitar a circulação para que determinadas falas pudessem abrir a cadeia significativa para produzir a diferença. E, ainda, facilitar a circulação das transferências, ou seja, a suposição de saber entre os integrantes do grupo. Iniciou-se um processo de elaboração a partir do trabalho no imaginário das identificações e na suposição de saber, encarnado em certos discursos, como no discurso médico sobre as drogas ao qual a mãe via-se submetida quando escondia seus vícios. Também se acompanhou outros exemplos sobre os efeitos da grupalização em algumas formações narcísicas, bastante cristalizadas na impossibilidade de abertura ao outro e de qualquer trabalho de elaboração a partir da alteridade. Ao final desta parte, apresentaram-se outros dispositivos grupais, que não visavam diretamente o trabalho clínico, mas que se beneficiaram da inserção de algumas coordenadas do dispositivo psicanalítico.

Os grupos, assim como outros dispositivos clínicos, não são nem melhores, nem piores que a análise individual, eles exercem uma função e a escolha do trabalho depende da disponibilidade de cada sujeito. Vimos que é possível um trabalho analítico em grupo desde que dentro da lógica coletiva, sendo esta propícia a precipitar e facilitar alguns questionamentos e, às vezes, causar relatos inesperados de alguns membros. Contudo, o grupo funcionar dentro da lógica coletiva depende de como se opera e se constrói o dispositivo, como circulam as tensões entre o efeito imaginário e o efeito sujeito, entre as diferentes estruturas clínicas, como se questiona o lugar do mestre e como os gozos são reordenados a partir destas operações. O trabalho do analista coordenador é exigente e, por isso, sua formação e análise pessoal são o que sustentam o desejo de analista que, por sua vez, sustenta o não saber sobre o desejo do outro.

Por fim, conclui-se que os grupos surgem como uma fonte de grande potencial

clínico no processo para que o sujeito questione sua posição subjetiva na relação com o outro e as consequências deste tipo de posicionamento na etiologia do sofrimento do qual padece. Estar com outros abre a possibilidade de se trabalhar as modalidades de gozo do sujeito dentro do próprio laço social. A inserção num trabalho coletivo permite ao sujeito sair de uma posição alienada, passiva e melancólica, para uma posição de enfrentamento. Ao psicanalista, cabe aproveitar-se e afastar-se do campo imaginário, facilitar a circulação da suposição de saber encarnada no coordenador e/ou nos outros participantes. Assim, é possível operar clinicamente um deslizamento da demanda de reconhecimento para o reconhecimento do desejo, visando transformar as posições cristalizadas de gozo e contribuindo para a criação de novas formas de estar no laço social.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. (V. N. Honesko, Trad.) Chapecó: Argos.
- ALBERTI, S.; FIGUEIREDO, A.C. (2006). *Psicanálise e Saúde Mental, uma aposta*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- AMARANTE, P.; NOCAN, F. (2012). *Saúde Mental e Arte*. São Paulo: Zagodoni Editora.
- ANZIEU, D. (1993). *O grupo e o inconsciente (o imaginário grupal)*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- ASKOFARÉ, S. (jan/jun de 2009). Da subjetividade contemporânea. *A Peste*, 1(1), pp. 165-175.
- AVERBACH, L. (4 de dezembro de 2013). *Ecos da musicoterapia: a interlocução com outros saberes no trabalho em equipe*. Acesso em 16 de novembro de 2016, disponível em Antro Pós Moderno: [http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id\\_articulo=732](http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=732)
- BARROSO, S. . (2011). *Vivências em saúde mental*. Curitiba: Juruá Editora.
- BION, W. (1961/1975). *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago.
- BIRMAN, J.; FULGÊNCIO, L.; KUPERMAN, D.; CUNHA, E. (2016). *Amar a si mesmo e amar o outro*. São Paulo: Zagodoni Editora.

- BROIDE, J. (2010). *A psicanálise nas situações sociais críticas: violência, juventude e periferia em uma abordagem grupal*. Ciritiba: Juruá.
- CAVALCANTI, A. (2006). Ser brincando: sobre a psicanálise em grupo com as crianças. Em P. ROCHA, *Cata-ventos. Invenções na clínica psicanalítica institucional* (pp. 133-155). São Paulo: Escuta.
- CERRUTI, M. (2007). *Bate-se em uma mulher: impasses da vitimização*. São Paulo: Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Usp.
- CEVASCO, R. (2014). Acto y saber en la lógica colectiva de Lacan. Em C. (. Gallano, *Política de lo real: nuevos movimientos sociales y subjetividad* (pp. 115-144). Barcelona: Ediciones S&P.
- COELHO JR., N. (2015). Figuras da terceiridade na psicanálise contemporânea: suas origens e seus destinos. *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*, 37(32), pp. 175-195.
- COELHO, J., & FIGUEIREDO, L. (2012). Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. Em N. COELHO JR, P. KLATAU, & P. SALEM, *Dimensões da Intersubjetividade*. São Paulo: Escuta.
- COSTA, A. (dez de 2014). Os tempos da transmissão segundo a lógica de lacan. *Estilos da Clínica*, pp. 499-514.
- COSTA, A. (2015). *Litorais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Escuta.
- COSTA, A. (agosto de 2017). Escrita e testemunho. *Correio da Appoa*.
- COSTA, J. F. (1989). *Psicanálise e contexto cultural: imaginário, psicanalítico, grupos e psicoterapia*. Rio de Janeiro: Campus.
- COSTA-ROSA, A., & PASTORI, F. (2011). O grupo psicoterapêutico para além do imaginário: a psicanálise de Lacan, laços sociais e revoluções de discurso. *Revista de Psicologia da Unesp*.
- DOMINGUES, M., & PARAVIDINI, J. (2012). Psicanálise e arte: repetir, criar e subjetivar. Em P. AMARANTE, & F. NOCAM, *Saúde Mental e Arte* (pp. 66-78). São Paulo: Zagodoni.
- DUNKER, C. (2002). *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta.
- DUNKER, C. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume.
- DUNKER, C. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Boitempo.
- DUNKER, C. (2016). *Por que Lacan?* São Paulo: Zagodoni Editora.

- DUNKER, C. (13 de Abril de 2016). Qual é a diferença entre o Real, o Simbólico e o Imaginário? Fonte: Qual é a diferença entre o Real, o Simbólico e o Imaginário?
- DUNKER, C., & NETO, F. (2015). *Psicanálise e saúde mental*. Porto Alegre: Criação Humana.
- ELIA, L. (jan/jun de 2012). Autismo e segregação. *A Peste*, 4(1), pp. 55-64.
- ELIA, L. (agosto de 2017). O desejo do psicanalista presentifica a intensão na extensão e se estende à política. *Correio da APPOA: temática - o desejo do analista em intensão e extensão*(268).
- ESCÓSSIA, L., & KASTRUP, V. (mai/ago de 2005). O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicologia em estudo*, 10(2), pp. 295-304.
- FIGUEIREDO, A. (2002). *Vastas Confusões e Atendimentos Imperfeitos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- FIGUEIREDO, A. (nov de 2005). Uma proposta da psicanálise para o trabalho em equipe na atenção psicossocial. *Mental*, 5(III), pp. 44-55.
- FIGUEIREDO, A. (2015). Psicanálise e práticas institucionais na saúde mental: estado da arte. Em R. Barros, & V. Darrida, *Psicanálise e saúde: entre o estado e o sujeito* (pp. 125-134). Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- FIGUEIREDO, L. (2008). *Elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- FIGUEIREDO, L., & N.E., C. J. (2008). *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- FONTES, F. (dez de 2008). O conflito psíquico na teoria de Freud. *Psychê*, 12.
- FREUD, S. (1908/2006). Escritores criativos e devaneio. Em S. FREUD, *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1912/2006). A dinâmica da transferência. Em S. FREUD, *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1913/2006). Totem e Tabu. Em S. FREUD, *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1915/2006). Observações sobre o amor de transferência. Em FREUD.S, *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1917/2006). Luto e Melancolia. Em S. FREUD, *Obras completas*.
- FREUD, S. (1921/2006). Psicologia das Massas e Análise do Eu. Em S. FREUD, *Obras Compleas*. Rio de Janeiro: Imago.

- FREUD, S. (1930/2006). O Mal-estar da civilização. Em S. FREUD, *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1937/2006). Moises e o Monoteísmo. Em S. FREUD, *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago.
- GAGEIRO, A., TAVARES, E., ALMEIDA, R., & TOROSSIAN. (2015). *Casa dos Cata-Ventos: uma estratégia clínica e política na atenção à infância*. Acesso em 24 de fev de 2017, disponível em [http://www.apoa.com.br/correio/edicao/247/casa\\_dos\\_cata\\_ventos\\_uma\\_estrategia\\_clinica\\_e\\_politica\\_na\\_atencao\\_a\\_infancia/226](http://www.apoa.com.br/correio/edicao/247/casa_dos_cata_ventos_uma_estrategia_clinica_e_politica_na_atencao_a_infancia/226)
- GALLANO, C. (2014). Subjetividad y lógicas colectivas. Em *Política de lo real: nuevos movimientos sociales y subjetividad* (pp. 15-34). Barcelona: Ediciones S&P.
- GALLETTI, M. (2004). *Oficinas em saúde Mental: Instrumento terapêutico ou intercessor clínico*. Goiania: UCG.
- GIRALDO, M. (2012). *The dialogues in and of the group: lacanian perspectives on the Psychoanalytic group*. Londres: The Studio Publishing Services Ltda.
- GOMES, E., PIVA, A., PONSI, A., SALDANHA, C., MARTINI, J., DARIANO, J., . . . SPIZZIRRI, R. (Jan/Jun de 2010). Origens do conceito de Intersubjetividade: Uma trajetória entre a Filosofia e a Psicanálise Contemporânea . *Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 9, pp. 71-91.
- GOMES, L. (19 de Out de 2015). *O cartel como aposta política de Lacan*. Acesso em 26 de Fev de 2017, disponível em [Verdade Lacaniana: http://verdelacanianana.blogspot.com.br/2015/10/o-cartel-como-aposta-politica-de-lacan.html](http://verdelacanianana.blogspot.com.br/2015/10/o-cartel-como-aposta-politica-de-lacan.html)
- HOLANDA, S., DUTRA, E., MEDEIROS, C., & RIBEIRO, C. (2016). Efeitos analíticos de uma escuta em grupo: uma discussão sobre a função do analista. *Estilos da clínica*, 21(2), pp. 321-345.
- HONNETH, A. (2003). *Luta por reconhecimento: a gamática dos conflitos morais*. São Paulo: Editora 34.
- HONNETH, A. (Julho de 2003). Patologias da liberdade individual. *Novos estudos*, pp. 77-90.
- JARDIM, G. (fev de 2002). O CEREP e o hospital-dia para adolescentes do parque Montsouris: entrevista com Bernard Penot. *Estilos da clínica*, 7(12), pp. 64-75.
- JASINER, G. (2008). *Coordinando grupos*. Buenos Aires: Lugar editorial.

- KAES, R. (2005). *Os espaços psíquicos comuns e partilhados: transmissão e negatividade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- KAES, R. (2010). *Um singular plural: a psicanálise a prova de grupo*. São Paulo: Loyola.
- KEHL, M. (2004). *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- KEHL, M., BOULOS, G., & AB-SABER, T. (12 de junho de 2018). *A luta que cura: a função terapêutica dos movimentos sociais*. Acesso em junho de 2018, disponível em YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=gLhHHGk7NRo>
- KUPFER, M., FARIA, C., & KEIKO, C. (dez de 2007). O tratamento institucional do outro na psicose infantil e no autismo. *Arq. bras. psicol. [online]*, pp. 156-166.
- LACAN, J. (1945/1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Em J. LACAN, *Escritos* (pp. 197-213). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1953-54/2009). *O Seminário livro 1: Escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1955/1998). A carta roubada. Em J. LACAN, *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LACAN, J. (1956-57/1995). *O Seminário livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1958/1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. Em J. LACAN, *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda.
- LACAN, J. (1960-61/1991). *O Seminário livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LACAN, J. (1961-62/1992). *O Seminário livro 9: a identificação*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LACAN, J. (1964/2003). Ato de fundação da escola freudiana de psicanálise de Paris. Em J. LACAN, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1967/2003). Proposição de 9 de outubro de 1967. Em J. LACAN, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1967/68). *O Seminário livro 15: O ato psicanalítico*. seminário inédito.
- LACAN, J. (1969-70/2006). *O Seminário livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1972-73/2008). *O Seminário livro 20: Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- LACAN, J. (1975). *O Seminário livro 22: R.S.I.* inédito.

- LACAN, J. (1980). D'Écolage. *Revista da Letra Freudiana. Escola, psicanálise e transmissão: documentos para uma Escola, 1(0)*.
- LACLAU, E. (2013). *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas.
- LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J. (2008). *Vocabulário de Psicanálise*. (M. Fontes, Ed., & P. Tamen, Trad.) São Paulo.
- LAURENT, E. (2002). Lo real y el grupo. *Ecos y matices en psicoanálisis aplicado, 114*.
- LIMA, E., & PELBART, P. (2012). Arte, clínica e loucura: um território em mutação. Em P. AMARANTE, & F. NOCAM, *Saúde Mental e Arte*. São Paulo: Zagodoni.
- MANONNI, O. (1999). *A criança, sua "doença" e os outros*. São Paulo: Via Lettera.
- MARINO, A., COARACY, A., & OLIVEIRA, T. (4 de junho de 2018). Uma experiência de clínica aberta de psicanálise. *Revista Lacuna*.
- MARTINO, M. (novembro de 2016). Mal-estar, sofrimento e sintoma, de Christian Dunker. *Stylus*, pp. 281-288.
- MAXIMINO, V. (2001). *Grupos com pacientes psicóticos*. São Jose dos campos: UNIVAP.
- MEAD, G. (1910). What social objects must psychology presuppose? *The journal of philosophy, 7*, 174-180.
- MENÉNDEZ, R. (fev de 2013). *La republique de Joyce*. Acesso em 2 de jan de 2018, disponível em Cairn Info: <https://www.cairn.info/revue-psychanalyse-2013-2-page-57.htm>
- MORETTO, M., & PRISZKULNIK, L. (2014). Sobre a inserção e o lugar do psicanalista na equipe de saúde. *Tempo Psicanalítico, 46(2)*, pp. 287-298.
- N., C. J., & FIGUEIREDO, L. (2003). Patterns of intersubjectivity in the constitution of subjectivity: dimensions of otherness. *Culture & Psychology, 193-208*.
- OCARIZ, M.C. (2015). *Violência de Estado na ditadura civil-militar brasileira (1964-1985): efeitos psíquicos e testemunhos clínicos*. São Paulo: Escuta.
- OKAMOTO, M. (2017). Revisitando Enrique Pichon-Rivière: grupo interno, história de origem e contexto social. *Dissertação de mestrado (Puc-SP)*.
- OURY, J. (1976). *Psychiatrie et psychothérapie institutionnelle*. Paris: Payot.
- OURY, J. (1986). *Le collectif*. Paris: Éditions du Scarabée.
- PAMPONET, R. (2). O cartel na escola de Lacan. *Gente revista de psicanálise, 8*, pp. 24-30.

- PENNA, C. (2014). *O inconsciente social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- PICHON-RIVIÈRE, E. (2000). *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes.
- POMMIER, G. (1990). *O desenlace de uma análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- POMPONET, R. (Abril de 2013). O cartel na escola de Lacan. *Gente: revista de psicanálise*, 8, pp. 24-30.
- PORGE, E. (1994). *Psicanálise e Tempo: o tempo lógico de Lacan*. (D. D. Estrada, Trad.) Rio de Janeiro: Campo Matêmico.
- PRISZKULNIK, L. (1995). A criança e a psicanálise. *Revista de Psicologia da USP*, 6, pp. 95-102.
- PRISZKULNIK, L. (Novembro de 2008). Prevenção: saúde mental e psicanálise. *Formação de profissionais e a criança-sujeito*, 7. São Paulo.
- QUINET, A. (2005). *As 4 + 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- QUINET, A. (2006). *Teoria e Clínica da Psicose*. Rio de Janeiro: Forense Editora.
- QUINET, A. (2009). *A estranheza da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- QUINET, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- QUINET, A. (s.d.). *A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade*. Acesso em agosto de 2018, disponível em [lacanian.memory.online.fr/AQuinet\\_Ciencia.rtf](http://lacanian.memory.online.fr/AQuinet_Ciencia.rtf)
- REMOR, C. A. (agosto de 2017). O desejo do analista em intensão e extensão: Ética-Transferência. *Correio da APPOA*.
- RINALDI, D. (2015). Clínica, ética e política: a prática do psicanalista na instituição de saúde mental. Em R. BARROS, & V. (. DARRIBA, *Psicanálise e Saúde: entre o estado e o sujeito* (pp. 115-123). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- RINALDI, D. (agosto de 2017). O desejo do analista na instituição pública de saúde mental. *Correio da APPOA: temática - o desejo do analista em intensão e extensão*, 268.
- ROCHA, P.S. (2006). *Cata-Ventos. Invenções na clínica psicanalítica institucional*. São Paulo: Escuta.
- ROCHA, T. (2011). Dispositivos para a diversidade clínica em serviços de saúde mental. Em S. BARROSO, *Vivências em saúde mental* (pp. 45-60). Juruá: Juruá editora.
- ROSA, M. (2002). Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Textura*(2).
- ROSA, M., BERTA, S., CARIGNATO, T., & ALENCAR, S. (Setembro de 2009). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática



psicanalítica clínico-política. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*.

- ROUDINESCO, E., & PLON, M. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. (V. R. Magalhães, Trad.) Rio de Janeiro.
- RUIZ, V., ATHAYDE, V., FILHO, I., SOUZA, P., & ATHAYDE, M. (2013). François Tosquelles, sua história no campo da Reforma Psiquiátrica / Desinstitucionalização e suas pistas para uma abordagem clínica do trabalho centrada na atividade. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 13(3).
- SAÚDE, M. D. (2010). *Clínica ampliada e compartilhada*. Acesso em 20 de abril de 2016, disponível em Biblioteca virtual em saúde - Ministério da Saúde: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/clinica\\_ampliada\\_compartilhada.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/clinica_ampliada_compartilhada.pdf)
- SANTAELLA, L. (1999). As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. *Revista de Psicologia Usp*, 10, pp. 81-91.
- SELDES, R. (2005). La urgencia subjetiva, un nuevo tiempo. *Revista Psicolibro*, pp. 24-30.
- SILVA, L. (2001). *Doença mental, psicose, loucura: representações e práticas da equipe multiprofissional de um hospital-dia*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- SOLER, C. (junho de 2013). A oferta, a demanda e...a resposta. *Stylus: revista de psicanálise*, 26, pp. 15-34.
- SOLER, C. (2016). *O que faz laço*. São Paulo: Escuta.
- STARNINO, A. (2016). Sobre identidade e identificação em psicanálise: um estudo a partir do Seminário XI de Jacques Lacan. *Dois pontos*, 13(3), pp. 231-249.
- STEFFEN, R. (2007). Lacan e a formação do analista. *Acarta*.
- TOREZAN, Z., & AGUIAR, F. (out/dez de 2011). O ato criativo e o sujeito na sublimação. *Psicologia em Estudo*, pp. 593-601.
- TRINDADE, G., & DIAMANTINO, R. (nov de 2013). Amor de transferência: um estudo de caso baseado em In treatment. *Cógitto*, 14, pp. 49-57.
- VORCARO, A., & TEIXEIRA, D. (mai/ago de 2009). Acolhimento em clínica-escola: o tratamento da queixa. *Revista Saúde e Pesquisa*, 2, pp. 281-286.
- ZENONI, A. (1991). "Traitement" de l'autre. *Préliminaire*, 110(3), pp. 101-110.
- ZENONI, A. (2000). Psicanálise e Instituição: a segunda clínica de Lacan. *Abre campos* - *Revista de Saúde Mental do Instituto Raul Soares*, pp. 12-31.

